

Parer

Considero o trabalho excelente quanto à clareza da análise, na abordagem metodológica e na importância das revelações sobre a "terceira idade", tema tão pouco estudado pela Academia.

Sendo assim, a aluna merece nota 10,0 (dez)

Rio, 2 de dezembro de 1997

Angela Maria Souza Martins
professora leitora

Parer

A aluna apresentou um trabalho sensível e cuidadoso. Tive oportunidade de acompanhá-lo visto que sua assiduidade e dedicação foram integrais.

conceito nota 10,0 (dez)

Azade Medeiros
prof. orientadora

97/11

Tema: EDUCAÇÃO PARA A TERCEIRA IDADE

Título: A TERCEIRA IDADE NA UNIVERSIDADE

Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO

Centro de Ciências Humanas - CCH

Escola de Educação

Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

Departamento de Didática

Disciplina: Monografia

Período: 8º

Reitor: Hans Jurgen Fernando Dohmann

Vice-Reitor: Regina Maria Lugarinho da Fonseca

Decano: Maria Tereza Fontoura

Diretora: Janete de Oliveira Elias

Profª responsável pela disciplina: Gilda Mª Grumbach

Profª orientadora: Sandra Albernaz Medeiros

Universidade do Rio de Janeiro - UNI-RIO

Centro de Ciências Humanas - CCH

Escola de Educação

A Terceira Idade na Universidade

por

Márcia Helena Zanon Denegri

Monografia apresentada
em cumprimento ao requisito
parcial para conclusão do curso
de licenciatura plena
em Pedagogia

Orientadora: Sandra Albernaz de Medeiros

dezembro, 1997

DENEGRI, Márcia Helena Zanon. A terceira idade na Universidade.

Rio de Janeiro. UNI-RIO, 1997. - p. 41

*"Não basta que tenhamos sido bons, quando deixarmos o
mundo.*

É preciso que deixemos também um mundo bom."

(Berthold Brecht)

DEDICATÓRIA

A Deus, por estar sempre presente.

A minha mãe, cuja coragem e apoio me fizeram forte.

Ao Beto, por seu amor e dedicação ...

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Sandra Albernaz de Medeiros, por acreditar em mim, me mostrando que o erro faz parte do caminho do acerto.

A minha família, por me seguir e amparar a cada passo da jornada.

RESUMO

Enquanto há vida, há sempre algo a se aprender.

A educação voltada para a terceira idade é uma questão de suma importância para qualquer sociedade. Em especial para uma sociedade como a nossa, que até a virada do milênio estima-se que tenha 7,2% de sua população composta por idosos

Observamos que ~~as~~ iniciativas pedagógicas relacionadas a terceira idade, contribuem, sem dúvida, para que a questão do idoso seja foco de interesse por parte da sociedade, o que resultará em melhor qualidade de vida na terceira idade.

Neste trabalho serão enfocados os aspectos bio-psico-sócio-culturais do envelhecimento; características externas que, com o apoio do senso comum, estigmatizam o idoso, dando à velhice uma conotação de "corredor da morte".

Será feito o mapeamento dos aspectos históricos da terceira idade e das manifestações da Universidade da Terceira Idade no Brasil, dando um maior enfoque a iniciativa da UnATI/UERJ, por ter sido o lugar onde se deu a pesquisa de campo.

Por fim, tentando colocar a tona os preconceitos em relação ao idoso, há uma conversa com a terceira idade, onde podemos perceber que um dos sinônimos de ser idoso é estar vivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
I - ASPECTOS BIO-PSICO-SÓCIO-CULTURAIS	12
1.1- ASPECTOS HISTÓRICOS DA TERCEIRA IDADE	18
II - A TERCEIRA IDADE NA UNIVERSIDADE	20
2.1- A UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE NO BRASIL.....	20
2.2- A UnATI/UERJ.....	22
III - CONVERSANDO COM A TERCEIRA IDADE.....	26
CONCLUSÃO	30
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	33
ANEXOS	35

INTRODUÇÃO

O brasileiro está vivendo mais, até a virada do milênio estima-se que 7,2% da população terá mais de 60 anos (IBGE - 1994), isto nos leva a pensar em melhores condições de vida para o idoso. É necessário que vejamos a questão do idoso como uma causa de todos nós, pois este segmento da população, assim como os demais, tem vários direitos e com isso o da educação.

No cenário de "mundo globalizado" em que vivemos há a hipervalorização da juventude e ser idoso em uma sociedade empobrecida como a brasileira se constitui num desafio sócio-cultural e existencial. Numa sociedade "dita" moderna, como a nossa, é tabú falar em idade, o que torna compreensível a negação do envelhecer em nossos dias. De acordo com uma projeção feita pelo CIDE (Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro) dentro de três anos o Rio de Janeiro terá 1,4 milhão de idosos.

A terceira idade é vista hoje como um "limbo" onde estão as pessoas que já não são jovens e supostamente vigorosas para participarem ativamente do mercado de trabalho e literalmente esperam a morte visto que a sociedade (que cultua a beleza e a força da juventude) não lhes oferece outras alternativas.

A questão da educação para a terceira idade nos leva a refletir sobre a qualidade de vida das pessoas nas etapas do desenvolvimento humano.

Um outro aspecto a ser considerado é a história de vida, os relatos dos idosos, pois há que se atentar para o fato de que a velhice não é igual

para todos. Ela é o retrato de sujeitos provenientes de segmentos sociais variados do ponto de vista sócio-econômico e cultural.

Nossa sociedade é ideologicamente orientada para a discriminação e segregação das minorias, onde se inclui o segmento dos idosos e isto faz com que a problemática da terceira idade seja vista por uma ótica romântica, cultuando um idoso que faz parte do primeiro mundo e que certamente não é compatível com nossa sociedade hostil. Esta imagem falseada seria certamente, uma ofensa ao conceito de velhice pois atribui ao idoso um papel completamente passivo diante do mundo.

Simone de Beauvoir (1990) nos dá exemplos de como o idoso é tratado em diversas culturas: na grega, na indígena e oriental o idoso é considerado uma fonte de sabedoria e lhe é dado o devido respeito. Mesmo Eurípedes, célebre dramaturgo do século V a.C., em sua visão pessimista da velhice, tem algo a dizer em defesa da terceira idade

*"Nem tudo, na velhice, é desprezível,
Étiocles, meu filho, a experiência tem algo
a dizer bem mais sábio que
o que o dizem os jovens."*

(Eurípedes, século V, apud Beauvoir 1990, p. 32)

Durante a Revolução Francesa, os mais velhos tinham *"um poder de direito, quase divino e a velhice era um grande prestígio"* (COMBAZ, 1990, p.18).

A questão pedagógica na terceira idade ainda não vem sendo muito discutida. A universidade brasileira (assim como a sociedade) parece surda

diante dos apelos dessa população. O pouco enfoque que se dá no meio acadêmico se restringe, quase que exclusivamente, à área de saúde. Este assunto só vem tendo destaque nas publicações dispersas em periódicos.

As iniciativas pedagógicas de ordem pública, que visem a integração do idoso, são muito poucas. Há, no Brasil, algumas que são produto do setor privado e organizações não-governamentais. No Rio de Janeiro, há iniciativas das "Universidades abertas a Terceira Idade" (UnATI), em especial da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), UGF (Universidade Gama Filho), UVA (Universidade Veiga de Almeida), UCB (universidade Castelo Branco) e Instituto Metodista Bennett.

Para ilustrar este trabalho, delimitarei como campo de pesquisa a UnATI - UERJ bem como alguns idosos participantes dos cursos e atividades promovidos pela UnATI.

A UnATI (Universidade aberta a Terceira Idade) é um projeto de extensão vinculado a UERJ, iniciado em 1993, onde são oferecidos, gratuitamente, diversos cursos a comunidade, além de outras atividades e ciclos de palestras. A única condição para ingressar nos cursos da UnATI é ter 60 anos.

Esta pesquisa é direcionada para a investigação e análise de aspectos pedagógico-educacionais, a terceira idade, de modo a contribuir para uma investigação mais cuidadosa dos elementos e fundamentos que constituem este campo da esfera educacional.

CAPÍTULO I - ASPECTOS BIO-PSICO-SÓCIO-CULTURAIS

*"O tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos
Saibamos, quase
Maliciosos
Sentir-nos ir"
(PESSOA 1997, P. 53)*

O processo de envelhecimento biológico é considerado inerente ao processo de vida, tal como o nascimento, o crescimento, a reprodução e a morte. Há dentro deste fenômeno transformações físicas: o organismo se defronta com toda uma série de modificações morfológicas e funcionais de vários órgãos e tecidos, caracterizados por uma tendência geral à atrofia e por uma diminuição da eficiência funcional. O esqueleto padece de osteoporose; a vista se "cansa"; a audição já não é tão perfeita e a memória às vezes falha. Além destas Características, há transformações externas: os cabelos ~~em~~ branquecem, a pele se enruga e caem os dentes.

A velhice traz para todo indivíduo uma degeneração tímida. A sociedade exalta o vigor e a fecundidade associados à juventude, com isso percebe de forma irônica as atividades amorosas e/ou sexuais dos idosos. Falar em sexualidade na velhice é tabú, mesmo na virada do século. A sociedade não só percebe e trata o idoso como alguém desprovido de atrativos físicos mas o percebe como alguém repulsivo.

Dentro desta dinâmica que limita o tempo de vida sexual do indivíduo, excluindo assim o idoso, nos reportamos aos séculos passados, aos

conceitos tão repelidos pela revolução sexual e pela sociedade contemporânea, que limitavam o "ato sexual" aos fins de reprodução. Mas, às vésperas do século XXI, ainda não estamos preparados para encarar a sexualidade do idoso. Sexo e sexualidade são, no mundo ocidental, prerrogativas inerentes aos jovens belos e fortes. Com isso, o sexo na terceira idade assume conotações pecaminosas, algo vergonhoso e ofensivo aos olhos da sociedade.

É importante salientar que a sexualidade, pressupõe um conjunto de expressões da estrutura bio-psico-sócio-cultural, não é apenas sinônimo de genitalidade ou de relação coital. A sexualidade está presente no corpo todo: em um sorriso, em um afago ou em um olhar. São várias as formas de expressão desta sexualidade que é vital ao ser humano.

Logo, não é justo que a sociedade imponha que um indivíduo com mais de 60 anos torne-se assexuado. Enquanto há vida, há sexualidade.

A terceira idade é, teoricamente, um estágio de realização pessoal e de satisfação pois, além da aposentadoria, os indivíduos encontrariam possibilidades e disposição para agirem por conta própria, dedicando-se às atividades que lhes oferecem prazer e que tantas vezes foram proteladas em prol deste sistema que hoje os exclui. Mas, na maioria das vezes o idoso se depara com a solidão e a marginalidade que lhe são impostas. Parte dos dissabores do idoso se dá graças ao tédio, a ociosidade, a falta de alternativas de preenchimento do tempo e da possibilidade de sentir-se socialmente útil.

Passamos anos nos preparando para o mercado de trabalho, ao ingressarmos nele trabalhamos por 25, 30 anos (ou mais) e repentinamente somos desligados do trabalho, por completar a idade convencional de aposentadoria. Há, na terceira idade, a perda da identidade profissional, o que faz acentuar o estigma social da inutilidade do idoso. Há um preconceito enorme sobre a sua capacidade física e intelectual, e é com preconceito que o mercado de trabalho se justifica para manter o idoso afastado, e o faz de forma cruel. Não é necessário se chegar à terceira idade para vivenciar esta exclusão. Atualmente o indivíduo que tem 35 anos já considerado "maduro" e aos 45 perde completamente a perspectiva de inserção neste mercado onde só há espaço para o jovem.

Portanto, a "tão sonhada" aposentadoria, idealizada desde a juventude, quando, é alcançada, em muitos casos se constitui numa experiência dramática, e torna-se uma verdadeira "faca de dois gumes". Mas é ao mesmo tempo dotada de uma poesia bucólica como nos mostra Fernando Pessoa:

*"Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que vai relembrando pouco a pouco
em casa a passear, a passear..."*

No movimento (eu mesmo me desloco nesta cadeira, só de o imaginar)

*mar abandonado fica em foco
nos músculos cansados de parar..."*

(Pessoa 1997, p.131)

Levinado!

Erik Erikson já atentava para esta resignificação da identidade do idoso:

" O homem como criatura psico-social defrontar-se-á , no final de sua vida, com uma nova edição da crise de identidade ... Eu sou o que sobrevive de mim."

(Erikson, 1973, p.14)

A velhice é um estágio em que há um enorme acúmulo de saberes, mas sobretudo é, também, a continuidade de vários aprendizados, pois *"enquanto o indivíduo se mantém em atividade intelectual, ele continua com capacidade de produzir."* (Guimarães 1994, p.18). É necessário que aprendamos a envelhecer, como um dia aprendemos a crescer.

O processo de envelhecimento diz respeito a sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos. Há que se considerar as crescentes alterações na dinâmica demográfica brasileira, verificadas através do declínio dos índices de mortalidade e, nos últimos anos, também dos índices de fecundidade.

Os dados do censo Demográfico de 1991 (Brasil/ Ministério do Planejamento/ FIBGE, 1994, p.83) demonstram no Brasil, que o número de indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos, equivale a 7,61% da população. De acordo com uma projeção feita pelo Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro (CIDE), dentro de três anos o Rio de Janeiro terá o maior percentual de idosos (vide anexos). Hoje o Rio de Janeiro ocupa a segunda posição neste ranking, sendo a Paraíba o estado com maior percentual de idosos.

Mesmo diante de números tão expressivos, as conquistas dos idosos só emergiram nos anos 90, graças a vigorosas lutas neste segmento, imerso neste sistema social ao mesmo tempo tão jovem e tão arcaico.

A Política Nacional do Idoso, através da lei 8842 de 04 de janeiro de 1994, visa promover a autonomia, integração e participação da terceira idade na sociedade. Pela lei, é considerado idoso o indivíduo com mais de 60 anos, que não pode sofrer discriminação de qualquer natureza.

Segundo tal política, a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso os direitos de cidadania, defendendo sua dignidade, bem-estar e direito à vida.

O que percebe-se na prática é que essa sociedade de consumo e ansiosa, joga no lixo sua história, esquecendo-se da sabedoria dos tempos e preconizando uma democracia de "fachada", que só beneficia a uma reduzida casta da população.

A questão do espaço do idoso na sociedade passa menos pela lei do que pelas ações de cada um. Há o descaso do governo, mas é na prática que percebemos a hostilidade com que o idoso é tratado.

A escola e as demais instituições sociais podem contribuir para que a velhice venha a constituir-se em uma experiência menos traumática e discriminatória.

Devemos nos contrapor à ideologia de desvalorização e rejeição à velhice, é possível e vital restituir às pessoas da terceira idade o dinamismo físico, mental, a auto-confiança bem como a integração sócio-cultural. Para

tanto, há a necessidade de que a sociedade venha alterar sua representação e suas relações com a velhice.

1.1 - ASPECTOS HISTÓRICOS DA TERCEIRA IDADE

Apesar da Organização mundial de Saúde (OMS) estabelecer a idade de 60 anos (países em desenvolvimento) e 65 anos (para países desenvolvidos) para se considerar o indivíduo da terceira idade, é difícil se adotar um ponto de referência para delimitar o que seja "ser idoso".

Há pessoas extremamente lúcidas, bem dispostas e saudáveis aos 70 anos, 80 anos. Há pessoas doentes, cansadas e apáticas aos 20 anos. Ser apático, cansado, mal humorado, ranzinza, etc. não é privilégio da terceira idade assim como insistimos em acreditar.

Atualmente, somos ao mesmo tempo vítimas e culpados pela movimentação de um mercado baseado fortemente no medo que as pessoas têm de envelhecer. Este mercado varia dos tratamentos através de Medicina ortomolecular, passando pelo advento da cirurgia plástica e chegando aos casos extremos dos planos funerários antecipados (que só vêm para reforçar a idéia da morte próxima).

Antes da industrialização, era grande o valor atribuído à velhice, talvez por serem poucas as pessoas a chegarem a tal período da vida. Dessa maneira, os idosos eram detentores de algum saber, em termos de técnicas ou de procedimentos de seu ofício e por isso, desfrutavam do respeito dos mais jovens.

Com a industrialização e o culto às máquinas surgiu a tendência a relegar o ser humano a um segundo plano, e o critério de produtividade descartou os mais velhos, considerados pouco rentáveis ao modelo de

sociedade então implantada. Desde aquela época, o indivíduo idoso já era considerado improdutivo, portanto descartável.

A análise das atitudes sociais diante do processo de envelhecimento encontra importantes subsídios nos estudos de Ariès (1981). Examinando esse fenômeno numa perspectiva histórico-cultural, no contexto europeu, o autor nos diz que, em termos gerais, até o século XVIII, a velhice era considerada ridícula; no século XIX, era tratada com sábia e, no século XX houve o "desaparecimento" da velhice como fenômeno moral. Assim, em nosso século, para Ariès, a atitude mais corrente é a negação da velhice na medida em que se tende a valorizar as pessoas que conseguem ~~des~~desfarcá-la.

Em contrapartida, esse número expressivo de idosos no Brasil de hoje parece indestrutível diante de todas as adversidades. Eles estão atuantes, sedentos de mudanças e conscientes de seu papel na sociedade. As várias "caminhadas das gerações", que mobilizaram no dia 28 de setembro, em vários estados do país, pessoas para abraçar a causa do idoso. No Rio de Janeiro, a passeata se deu na praia de Copacabana, e contou com o apoio maciço da população e das Universidades Abertas a Terceira Idade. Os idosos dançaram, cantaram, e principalmente mostraram-se VIVOS, chamando a atenção de todos para suas reais necessidades. Dentro destas necessidades está a educação, pois como nos diz Guimarães: "*A educação é o principal fator do prolongamento saudável da vida*". (Guimarães 1994, p.18).

Portanto, nem o Estado, nem a sociedade têm o direito de negligenciar os direitos do idoso, dentre eles o da educação.

CAPÍTULO II - A TERCEIRA IDADE NA UNIVERSIDADE

*"Viver,
e não ter a vergonha
de ser feliz
Cantar (e cantar)
A beleza de ser
um eterno aprendiz"
(GONZAGUINHA, 1995)*

2.1 - A Universidade da Terceira Idade no Brasil

As Universidades abertas a terceira idade foram implantadas no Brasil somente em 1990, em alguns estados. Em 1996, já somava 53 instituições, segundo dados da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBGG. O Serviço Social do Comércio (SESC) é exemplo pioneiro na América Latina, por oferecer, desde 1963, atividades às pessoas da terceira idade.

No estado de São Paulo existem 12 universidades abertas a Terceira idade. O Rio de Janeiro conta com quatro unidades particulares atuando nesse sentido, tendo inaugurado, em agosto de 1993, a primeira universidade aberta a terceira idade sob dependência administrativa estadual (UnATI/UERJ).

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC/CAMP), em São Paulo, criou em 1990, a Universidade para Terceira idade PUC/CAMP.

Após sua inauguração, esta despertou a atenção da mídia, o que lhe propiciou espaço nacional e ao organizar em Campinas o 1º encontro Sobre Envelhecimento - Desafios Para os Anos 90, logo após sua inauguração,

contou com a presença de representantes de dez estados brasileiros, interessados no intercâmbio de informações e experiências.

Também em São Paulo, encontra-se a Universidade Aberta para a Terceira idade da PUC de São Paulo (UATI/PUC/SP), fundada em 1991. O sucesso desta iniciativa foi tão grande que levou à criação de uma extensão dessa universidade no Instituto de Educação Costa Braga, em Santo Amaro, zona sul de São Paulo.

A proposta da UATI/PUC/SP pretende reafirmar, basicamente: (1) a necessidade e a importância da participação da universidade nas análises e busca de solução de problemas gerais da sociedade e nos serviços de apoio à sociedade civil e (2) que as questões sociais relativas à terceira idade constituem um dos fatores sociais mais significantes do Brasil contemporâneo, exigindo atenções e ações.

Na Bahia, foram criadas duas Universidades da Terceira Idade; uma em 1992, organizada pela escola de serviço social da Universidade Católica de Salvador, outra em 1993, no campus da universidade do estado, em Feira de Santana.

No Rio Grande do Sul, há o trabalho da Universidade de Passo Fundo - UPF e a Universidade do Rio Grande do Sul - UFRGS ambas vêm a educação para a terceira idade com *"um compromisso social, bem como vocação comunitária e regional, acreditando que o saber construído em torno das questões da terceira idade esteja contribuindo para uma nova forma humana de SER"*. (Frutuoso 1996, p.80)

Outro projeto é o da Universidade da terceira idade do estado do Rio Grande do Sul é a Universidade para a Terceira Idade - UNITI - criada em 1990, com projeto de extensão do setor de Psicologia Social e Institucional do Departamento de psicologia da UFRGS.

A UNITI apresenta três objetivos: (1) atender às necessidades sócio-culturais e psicológicas de uma faixa etária ainda capaz de prestar serviços à comunidade (2) potencializar um retorno a uma posição de respeito, eliminando o estereótipo que afeta a dignidade do idoso; e (3) promover atividades voluntárias e de trabalho, levando os idosos a sentirem-se úteis a si, à sociedade e à coletividade.

Em Minas Gerais, há a iniciativa da universidade de Juiz de Fora (UFJF). O curso de extensão "Universidade com a Terceira idade" teve início no dia 25 de março de 1991, tendo como proposta a preparação crítica para a terceira idade e a ampliação de conhecimentos, através de um processo de educação continuada.

É importante salientar que, como mostra Dina Frutuoso, as universidades privadas oferecem o maior número de atividades aos idosos, do que o fazem as universidades públicas. *"Os dados a que tive acesso indicam oferecerem as instituições particulares, comparativamente, muito maior número de atividades dirigidas à referida população do que as Universidades públicas."* (Frutuoso 1996, p.82).

No município do Rio de Janeiro, por sua vez, até o primeiro semestre de 1993, somente a iniciativa privada oferecia atividades a terceira idade: Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA), Universidade Veiga de

Almeida, Universidade Gama Filho e Instituto Metodista de Cultura Existencialista (FACE) do Instituto Metodista Bennett. Mais recentemente criou-se a Universidade da terceira idade da Universidade Castelo Branco. No âmbito público, apenas em agosto de 1993, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) criou a Universidade Aberta para a Terceira idade - UnATI/UERJ, cuja proposta será mostrada de forma mais detalhada no tópico seguinte.

Vale ressaltar que para ingressar nas atividades propostas pelas universidades da terceira idade da FACHA e UGF a idade mínima é de 45 anos e para a Universidade Veiga de Almeida a idade mínima é de 50 anos.

Em todas as universidades citadas os cursos são oferecidos gratuitamente. E é bastante confortante saber que a iniciativa privada se preocupa em oferecer às pessoas da terceira idade cursos e atividades diversas, ao passo que é vergonhoso que só uma universidade pública no Rio de Janeiro, estado que tem o segundo maior número de idosos do país, ofereça cursos a esta clientela. Nosso estado não presta a devida assistência a este segmento da população, não só no plano educacional, mas nas diversas esferas da vida em sociedade. A educação não só é um direito do idoso, mas também é um dever do Estado, mas contatamos que o Estado, mais uma vez, esquece-se de suas obrigações com a população.

2.2 - A UnATI/UERJ

O estado do Rio de Janeiro, em particular a sua capital, apresenta o segundo maior percentual de idosos do país (BRASIL, Ministério do Planejamento/IBGE, 1994). Tendo em mente as discussões sobre a problemática do idoso, a UERJ, em 1993 criou a UnATI (Universidade Aberta a Terceira Idade). Hoje são em torno de 2.000 alunos, dispostos nos 104 cursos oferecidos.

A partir de então a UnATI encontra-se instalada em uma área física de aproximadamente 700m², no próprio campus universitário, mas desenvolve seus trabalhos também no Hospital Universitário Pedro Ernesto.

A UnATI/UERJ está estruturada em três áreas: Ensino, pesquisa e extensão. No que diz respeito ao ensino, as ações direcionam-se para a oferta de cursos livres para as pessoas idosas, ou ainda para a qualificação e atualização de pessoal voltado para a assistência à terceira idade. Em termos de extensão, a UnATI/UERJ presta atendimento multidisciplinar aos idosos, articulando-se também com o abrigo para idosos Cristo Redentor.

A idade mínima de 60 anos é o único requisito para que o interessado possa ingressar em qualquer atividade da UnATI, excetuando-se os cursos em que há qualquer atividade física, nestes casos é necessário também o atestado médico que comprove que o idoso encontra-se em bom estado de saúde física.

Dessa forma, o módulo ensino abre aos idosos cursos de atualização, como: matemática, leitura de textos de literatura brasileira, computação, nutrição, cuidados de saúde, idiomas estrangeiros e outros temas considerados importantes para a integração do idoso na sociedade.

Conforme a "Programação das atividades: Gerência de ensino e formação de Recursos Humanos", para o primeiro semestre de 1997, as atividades da UnATI/UERJ distribuíram-se em atividades físicas, atividades artísticas e culturais, línguas estrangeiras através da música, comunicação e expressão em língua portuguesa e literatura, cursos de atualização, atividades de integração, atividades externas, eventos, atividades destinadas a profissionais e estudantes na área de Gerontologia e cursos de capacitação profissional (UnATI/UERJ).

Mesmo diante da dispersão e falta de sistematização das informações sobre as Universidades da terceira idade no Brasil é importante ressaltar que estas constituem nova estratégia para abordar a problemática do idoso no Brasil, colocando em evidência um tema tão importante, tão frutífero e ao mesmo tempo negligenciado.

✓

CAPÍTULO III - CONVERSANDO COM A TERCEIRA IDADE

*...“Seguramente não é a minha forma:
a forma que uma tarde,
na montanha, entrevi,
e que me fez tão tristemente temer minha
própria poesia
é apenas um prenúncio do mistério
um suspiro da morte íntima
ainda não desencantada”...
(MORAES 1997, P. 07)*

O elevador chega ao 10º andar da UERJ, ao dobrarmos a esquerda no corredor nos deparamos com uma parte iluminada, em meio a todo o concreto cinzento e frio da construção: Chegamos a UnATI.

O cenário, cujos personagens destoam da maioria dos alunos, é acolhedor e muito alegre. Há várias pessoas nos corredores conversando animadamente e a cada minuto chegam mais pessoas sorrindo e cumprimentando as outras com beijos e abraços. Ao passar diante das salas de aula, olhando curiosamente, percebe-se alunos muito interessados: cantando, dançando, recitando poesias, fazendo análise sintática ... O que todas essas pessoas têm em comum? São todos alunos da UnATI, têm mais de 60 anos e um enorme amor pela vida.

Foi nesta atmosfera que resolvi entrevistar alguns alunos da UnATI. Foram realizadas seis entrevistas abertas, para permitir que o entrevistado falasse livremente a seu respeito e de suas atividades na UnATI.

Não houve nenhum tipo de resistência por parte dos entrevistados. Bastava que a entrevistadora iniciasse a conversa para que o assunto fluísse agradavelmente.

Sempre que a entrevista iniciava, os objetivos do trabalho eram expostos e imediatamente aceitos com uma grande receptividade seguida de frases de admiração que ao mesmo tempo funcionavam como gratidão e estímulo, pois há mais alguém (que não tem mais de 60 anos) interessado na causa do idoso. E isto para eles é, sem dúvida, uma vitória.

A impressão que me ficou foi a de que, naquele espaço, a velhice é vivenciada de forma rica. Mas também há uma preocupação em se viver o presente intensamente, pois mais uma vez pode-se detectar o fantasma indesejável da morte próxima. A idéia da morte torna, subitamente, os rostos alegres em expressões doloridas, o medo é contagiante...

Foram entrevistadas seis senhoras com idades entre 60 e 85 anos. O fato de todas as entrevistadas serem do sexo feminino não foi um requisito, mas coincidência.

Alguns pontos foram comuns a todas as entrevistas: a falta de respeito com que o idoso vem sendo tratado, a desatenção da família, a falta de alternativas culturais e o fator que foi mais enfatizado pelos idosos: o marco que foi a entrada da UnATI em suas vidas.

Baseada nas entrevistas, posso me atrever a afirmar que além das atividades oferecidas, é a convivência com as pessoas em igual situação que leva o idoso a "ingressar na universidade". Assim como o adolescente, o idoso também busca a socialização, o grupo. Ao contrário do que possa

parecer, a solidão não é uma preferência do idoso, mas uma condição que lhe é imposta.

Uma das entrevistadas colocou que, para ela, era uma honra estar inserida naquele "universo de cultura" chamado universidade, esta aluna só foi alfabetizada aos 80 anos (na UnATI), e hoje aos 84 participa das oficinas de literatura, estuda Inglês, faz anti-ginástica e canta no coral.

A característica "falta de tempo" da juventude também negligencia aqueles que têm "tempo de sobra". Uma das entrevistadas, de apenas 61 anos, cita como exemplo seu pai de 93 anos. A família reclama das repetidas histórias, só que se esquece que seus amigos já morreram e ele não tem nada de novo para contar, só lhe restam as suas memórias... Segundo a entrevistada, a velhice é vista com repulsa e a todo tempo as pessoas tentam negá-la. Como exemplo ela apontou para um grupo de senhoras que iam passando: "Estas aí, querem remoeçar !" Explicando depois que por mais que usem maquiagem e adereços, a velhice é como uma "cadeia" a qual o indivíduo já nasce condenado.

Outro ponto a sublinhar foi a antecedência com que os alunos da UnATI chegam para as aulas. São quase duas horas de antecedência, passadas com as conversas animadíssimas pelos corredores.

Mas, a data em que fiz a visita não poderia ser mais propícia: era o dia de assembléia geral para definir os detalhes para o evento promovido pela UnATI no dia 4 de novembro de 1997. O dia da cidadania do idoso na UERJ. Este evento teve por objetivo propiciar à comunidade de idosos a prestação de serviços, através das unidades acadêmicas da UERJ e parcerias externas

com a Defensoria Pública do Estado e Tribunal Regional Eleitoral, e a conscientização dos seus direitos na sociedade (vide anexo 2).

Era impressionante a excitação dos alunos da UnATI diante do evento, uma das alunas tentou me explicar toda aquela mobilização dizendo que era um meio de conscientização para os idosos que ainda não estão engajados nas "Universidades" e acrescentou: "Somos privilegiados por estar aqui, por isso temos que devolver à comunidade um pouco do que recebemos aqui, né?"

Ao ingressar no auditório lotado, tive uma pequena amostra daquilo que tomei por objeto de estudo. Foi, sem dúvida, uma sensação de alívio indescritível. Pois, há um lugar onde, apesar das dificuldades sociais, do descaso da família e do fantasma da morte, a velhice é possível. E, por mais paleativo que possa parecer, há algumas horas em que esses idosos ainda são felizes, e num momento em que a sociedade tem lhes oferecido tão pouco, isto já é gratificante, mesmo que ainda esteja longe do ideal.

2

CONCLUSÃO

...“Se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode”...

(FREIRE 1997, P. 126)

Quanto mais penetramos na questão do idoso, mais entendemos que é uma questão emergencial e ao mesmo tempo belíssima.

Belíssima, pois a velhice não tem que ter a conotação assustadora que a sociedade lhe atribui. O fato é que conviver com verdades, nem sempre agradáveis, muitas vezes nos apavora e dá ao assunto dimensões que maximizam o problema.

Ao longo deste trabalho pude perceber que os sujeitos da terceira idade, mesmo os de idade bastante avançada, são alunos como quaisquer outros e a volta aos “bancos da escola”, mesmo que de maneira informal, é muito importante para eles. Os alunos da UnATI já não buscam mais qualificação profissional ou uma possível reinserção no mercado de trabalho. A participação nos cursos se dá, além da socialização, por causa do explícito interesse que os idosos têm na aquisição do conhecimento em suas várias manifestações.

Nós, pedagogos, não estamos preparados para lidar com estes alunos, que tanto precisam de nós e ao mesmo tempo tanto têm a nos oferecer. Não há, ao menos, nos currículos dos cursos de graduação na área de educação, qualquer referência sobre o assunto. A falta de preparo do profissional de educação não é privilégio do aluno idoso, mas se dá, de

forma velada, na imensa dificuldade de lidar com o aluno diferente, o estigmatizado.

E é como estigmatizado que a sociedade vê o idoso. Em relação ao governo, o descaso é evidente, acentuado pelo fato de que o idoso não mais produz economicamente, ou seja, aquele que por anos a fio contribuiu para esta sociedade, hoje neoliberal, agora é um "peso morto" para a família e para o Estado. E parece que nos esquecemos que a medida que o indivíduo envelhece sua capacidade intelectual se torna mais aguda e mais seletiva, e por que não se direcionar esta capacidade para a aquisição de novos conhecimentos? É como nos mostra HADDAD ao afirmar, após sua pesquisa que:

"Todos os estadistas são (ou foram)

homens velhos, como exemplo:

DE GAULLE, CHURCHILL, MAO TSÉ TUNG.

Noutros setores podemos citar BERNARD SHAW,

BERTRAND RUSSEL, PICASSO, CHAPLIN e MIRÓ.

O idoso não diminui sua atividade mental.

O que diminui é sua capacidade física"

(Haddad, 1986 p.26)

A principal preocupação neste trabalho foi focar a situação do idoso na sociedade e como a educação pode contribuir para a re-significação de sua identidade.

É importante ressaltar que *"a velhice pode ser um período vivido intensa e dignamente. Os responsáveis por tais condições são o próprio*

indivíduo e a comunidade na qual está inserido" (Medeiros 1981, p.82).
Diante da atual situação do idoso, para o pedagogo se descortina um vasto campo de trabalho que em hipótese nenhuma deve ser deixado de lado. Pois, através da convivência que tive com os alunos da UnATI e das bases teóricas que utilizei nesta pesquisa, pude constatar que o aluno idoso pode ser capaz, receptivo, interessado e inter-ativo, assim como os alunos das mais diversas faixas etárias.

A compreensão dos aspectos bio-psico-sociais e educacionais relacionados ao idoso, trouxeram a esta futura profissional de educação um enorme enriquecimento interior, aliado a certeza que a educação tem muito a oferecer a aqueles que, mesmo longe dos anais da escola, a vida inteira foram educadores em potencial, educando-os para a vida. Para eles, fica todo o nosso agradecimento (mesmo que a cada dia não os digamos) e a satisfação de, através deste estudo, ter acrescentado uma gota a uma causa maior que um oceano.

Obs.: Parabéns, o trabalho está muito bem elaborado, aprendi um pouco mais sobre a terceira idade e sua educação ao lê-lo. Fico muito feliz ao constatar o crescimento analítico de uma ex-aluna e minha futura companheira de trabalho.
Oubll.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ÀRIES, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro. Editora Guanabara, 1981.
- BEAUVOIR, Simone de. A velhice. A realidade incômoda. São Paulo. Difusão Editorial. S.A., 1990.
- BRECHT, Bertold. In Enciclopédia Interativa Compton's. Rio de Janeiro. Editora Abril, 1996.
- BRASIL. Ministério do Planejamento. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Anuário Estatístico do Brasil. Rio de Janeiro, 1994.
- COMBAZ, C. O elogio da idade. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.
- ERIKSON, Erik H. Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1972.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997.
- FRUTUOSO, Dina Lourdes Fernandes. A terceira idade na universidade: estudo do campo de representação. Rio de Janeiro. UFRJ, 1996.
- GONZAGUINHA. O que é o que é? In: O talento de Gonzaguinha. Rio de Janeiro. EMI, 1995.
- GUIMARÃES, R.M. É possível retardar o envelhecimento? Brasília. Universidade de Brasília, 1994.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. A ideologia da velhice. São Paulo. Editora Cortez, 1986.

LEVIN, Sidney; HAKANA, Ralph J. Los procesos psicologicos en el envejecimiento. Buenos Aires. Del Carril Impresores, 1973.

MEDEIROS, Sandra Albernaz. Negação da Morte na Velhice: um estudo fenomenológico. PUC, 1991.

MORAES, Vinícius de. Elegia ao Primeiro Amigo in Soneto de Fidelidade e outros. Rio de Janeiro. Ediouro, 1997.

PESSOA, Fernando. Poemas Escolhidos. Rio de Janeiro. Klick Editora, 1997.

UnATI/UERJ. Programação do 1º semestre 1997.

ANEXOS

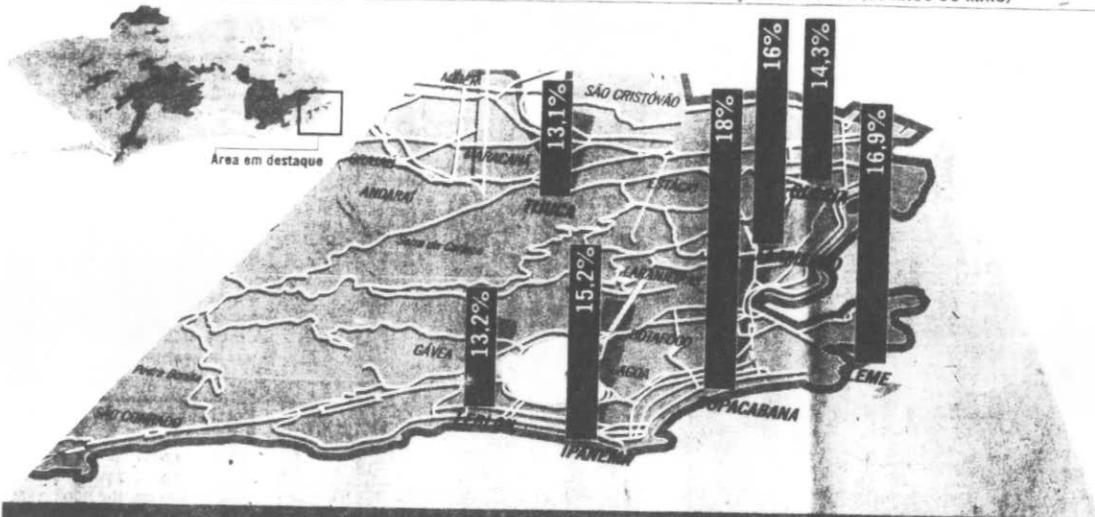
NOVOS VELHOS: Idosos adotam estilo de vida mais saudável, praticam exercícios, se dedicam ao lazer e freqüentam cursos

Editoria de Arte

O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO DO RIO

MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

BAIRROS COM MAIOR CONCENTRAÇÃO DE IDOSOS (65 ANOS OU MAIS)



FONTE: Anuário Estatístico da Cidade do Rio de Janeiro-95/96-Iplan-Rio

PERFIL DOS IDOSOS

62,4% não são naturais do Rio; só 37,6% nasceram na Região Metropolitana
 15,4% são analfabetos; na população como um todo esse índice é de 7,5%
 19,4% ainda estão trabalhando ou procurando emprego
 79,8% dos homens são casados; apenas 10,6% são viúvos
 48,9% das mulheres são viúvas; 36% são casadas

OBS-Índices se referem à população de 60 anos ou mais residente na Região Metropolitana

FONTES: "Evolução da mortalidade da população idosa no Município do Rio", de Maria Isabel Alves Paratyba. Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD) e IBGE

EXPECTATIVA DE VIDA NO SUDESTE (1990)

Homens: 63,5 anos

Mulheres: 70,5 anos

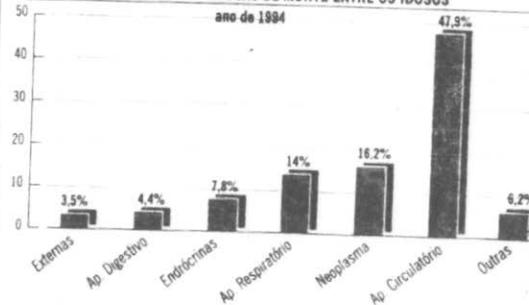
Média - 66,5 anos
 (em 1950 era de 49 anos)

OS CINCO ESTADOS COM MAIOR NÚMERO DE IDOSOS (1991)

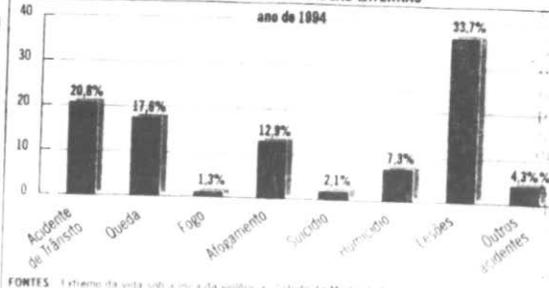


FONTE: IBGE

PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTE ENTRE OS IDOSOS



MORTALIDADE POR CAUSAS EXTERNAS



FONTES: "Extremidade velha", de Maria Isabel Alves Paratyba. Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD) e IBGE

A MUDANÇA DA PIRÂMIDE: POPULAÇÃO DO RIO EM 1950 E A PROJEÇÃO PARA O ANO 2000



Da Garota de Ipanema à Senhora de Copacabana

Rio terá em três anos 1,4 milhão de pessoas com mais de 60 anos, o maior percentual entre todos os estados do país

Paulo Marquero

• Eles se conheceram numa pista de dança e, entre um olhar e outro, se apaixonaram. Hoje, bem casados, têm uma rotina intensa. Passam as manhãs de sol na piscina do condomínio. Ela, exercitando o corpo na hidroginástica e pegando um bronzado leve. Ele, tentando manter a forma com a natação. À tarde, se dividem, cada um com o seu cursinho. Informática para ela. Teatro para ele. À noite, o casal se reencontra nas pistas de dança para namorar. Ele tem 80 anos. Ela, 68. Rinaldo Marques Gouveia e Ilcéa Quintanilha Gomes fazem parte de um grupo cada vez mais presente no cotidiano carioca. De acordo com uma projeção feita pelo Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro (Cide), dentro de três anos o Rio terá o maior percentual de idosos do país. O que significará 1,4 milhão de pessoas com 60 anos ou mais — ou 10,6% da população do estado — circulando pelas calçadas de pedras portuguesas que celebrizaram a juventude da garota de Ipanema.

Uma viagem ao passado mostra o impacto dessa nova realidade. Em 1950, quando Marlene era eleita a Rainha do Rádio, o Brasil perdia a Copa para o Uruguai no recém-inaugurado Maracanã e a atriz Elizabeth Taylor — ainda no primeiro de seus oito casamentos — arrasava corações nas telas do cinema, as pessoas com mais de 60 anos representavam 5,3% dos moradores do Rio. Os jovens (até 19 anos) eram 45%. No ano 2000, os idosos serão 10,6% e o percentual de jovens cairá para 33,7%.

De acordo com o anuário estatístico do Cide, o Rio tem hoje 1,3 milhão de pessoas com 60 anos ou mais, o que representa 9,9% da população do estado. Esse envelhecimento é relativamente recente. Em 1980, ano em que "Bye-bye Brasil" arrastava multidões aos cinemas, "Rasga Coração" emocionava platéias no teatro. Maria Bethânia fazia sucesso com "Grito de alerta" e Zico comandava o Flamengo na conquista do

Campeonato Brasileiro, o Rio era o quarto estado do país com maior percentual de idosos. Perdia para Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe. Em 1991, ano do último censo do IBGE, já era o segundo, atrás apenas da Paraíba.

— A taxa de fecundidade caiu. Ou seja, as mulheres passaram a ter menos filhos — explica a demógrafa Valéria Leite, do IBGE. — O fluxo de migrantes para o Rio também diminuiu. E a longevidade aumentou. Por isso, a estrutura da população se modificou.

Nova realidade provoca mudança de comportamento

Essa reviravolta na pirâmide etária acabou se refletindo no comportamento. O idoso de hoje — pessoa com 60 anos ou mais, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) — busca um estilo de vida próprio. Na estante da sala do apartamento de Ilcéa e Rinaldo, na Tijuca, a foto da mãe da mulher fazendo crochê é a imagem de um passado distante.

— Antigamente era assim — conta Ilcéa. — Mas os tempos mudaram. Eu sei fazer tricô e crochê. Mas não vou fazer só isso.

Ilcéa é professora aposentada. Ela se casou há sete anos com Rinaldo, funcionário público também aposentado. Ambos estão no segundo casamento. Os dois frequentam os cursos da Universidade Aberta da Terceira Idade (Unati), ligada à Uerj, onde discutem questões como alimentação, saúde e sexualidade. Foi lá que Ilcéa aprendeu informática. Hoje, o computador é a sua segunda paixão, depois de Rinaldo, é claro.

— Se deixar, ela passa horas no computador — conta Rinaldo, com uma ponta de ciúme.

O médico e professor Renato Veras, diretor da Unati, afirma que bairros do Rio como Copacabana — que tem 18% de moradores com 60 anos ou mais — concentram tantos idosos quanto a Flórida, nos Estados Unidos, ou países desenvolvidos da Europa.

— O Rio não se dá conta de que a população envelheceu — diz Veras. — Quando falamos da ga-

rota de Ipanema, estamos falando da década de 60, da bossa nova. Hoje, nós vamos ver muita vovó de 60 paquerando na Praia de Ipanema, porque ela descobriu que ainda há muita vida pela frente.

Jovem e bonita aos 62 anos, a ex-miss Martha Rocha, três filhos e seis netos, conta que faz questão de se manter em atividade:

— Eu conheço muita gente que chegou aos 60 e tem mais atividades do que a garotada de 20.

Para manter a forma, essa baiana que se deixou seduzir pela beleza do Rio tem dois segredos: caminhar no calçadão da Avenida Atlântica, em Copacabana, balro onde mora, e tomar água de coco. Martha já não se entusiasma com as saídas à noite. Hoje, prefere ficar em casa e receber amigos ou frequentar reuniões também na

casa de amigos, para grupos pequenos. A ex-miss conta que ainda é muito assediada, "embora até as meninas estejam se queixando das dificuldades para arrumar um namorado". E que hoje é difícil encontrar o que gostaria: "uma pessoa de bom caráter, que sirva como ombro amigo e queira viver em casas separadas".

— Mas não vou me descabelar para conseguir isso. Até porque, se ele for muito velho, eu não quero — diz, bem-humorada.

A socióloga Maria Isabel Coelho Alves Parahyba, do Instituto de Medicina Social da Uerj, afirma que o risco de morte de idosos por doenças do aparelho circulatório está diminuindo. Entre os homens, a taxa de mortalidade (por mil habitantes) caiu de 29,5 em 1983 para 23,2 em 1994. Entre

as mulheres, a redução no mesmo período foi de 24 para 18,3. Segundo ela, isso significa que o Rio está ganhando um perfil de cidade de país desenvolvido.

— Certamente isso tem a ver com o estilo de vida. Hoje, esses idosos têm uma alimentação mais saudável, praticam exercícios, se dedicam mais ao lazer, frequentam cursos, procuram se integrar — diz Maria Isabel.

Doenças infecciosas e parasitárias ainda são ameaça

Desenvolvido de um lado, atrasado de outro. Segundo Maria Isabel, enquanto as mortes por doenças do coração diminuíram, aquelas causadas por doenças infecciosas e parasitárias, típicas de países de Terceiro Mundo, aumentaram. Entre os homens, a taxa de mortalidade passou de 0,9 em 83 para 1,7 em 94. Entre as mulheres, pulou de 0,5 para 1,0.

— Isso mostra que nós temos hoje no Rio duas populações de idosos: uma, com padrão de Primeiro Mundo. Outra, com padrão do século passado — assinala.

Aos poucos, essa multidão capaz de encher uma cidade do tamanho de Curitiba vai abrindo caminho num território que ainda parece hostil. A interminável fila do banco na hora de receber a aposentadoria, o motorista que não pára no ponto, o jovem que não cede o lugar, a dificuldade para escalar os altos degraus dos ônibus e a selvageria do trânsito são reclamações frequentes: respeito é bom e eles exigem.

Iridan Freire de Andrade, de 71 anos, moradora de Alcântara, na Região Metropolitana do Rio, deixou de entrar de graça pela porta da frente dos ônibus. Hoje, ela prefere pagar a passagem:

— Cansei de ser humilhada. Parece que eles nos fazem favor.

Um estudo da pesquisadora Edinilsa Ramos de Souza, do Centro Latino-Americano de Estudos da Violência e Saúde Jorge Careli (Claves/Fiocruz), mostra que, executando-se as doenças, os acidentes de trânsito e transporte são a segunda causa de morte en-

tre os idosos. No grupo das causas externas, aparecem em primeiro as lesões, com 33,7%; em segundo os acidentes de trânsito e transporte (colisões, atropelamentos etc.); com 20,8%, e em terceiro as quedas, com 17,6%.

A situação é mais dramática durante os sábados e os domingos sem lei. Segundo a pesquisadora da Fiocruz, as mortes de idosos por acidentes de trânsito ou de transporte aumentam principalmente nos fins de semana e atingem especialmente o grupo na faixa de 70 anos ou mais.

Uma das vítimas da violência no trânsito é a atriz Maria Pompeu, de 61 anos. Há cerca de dois meses, ela foi atropelada quando atravessava a Rua Cosme Velho. A atriz sofreu cortes no queixo e uma fratura no ombro direito.

— Dois carros bateram e eu acabei imprensada por um deles. Fiquei 17 dias sem poder dirigir, pois não conseguia mexer o braço direito. Até hoje, não recuperei totalmente os movimentos — contou ela, que se considera com sorte por ter escapado do atropelamento sem maiores seqüelas.

Donos de vans descobrem clientela certa para passeios

Se por um lado o poder público faz vista grossa para o crescimento dessa população de idosos, por outro há gente descobrindo que eles representam um mercado em expansão. As cooperativas de vans, por exemplo, já rodam nessa direção. O microempresário Jaime Valssman, diretor de uma dessas cooperativas, conta que os idosos representam hoje cerca de 30% de sua clientela.

— Recebemos muitos pedidos para shows, mas fazemos também excursões, levamos a cinemas, teatros, chás beneficentes, feiras e até missas — conta ele.

Como os idosos preferem sair durante os dias úteis, para evitar os tumultos de sábado e domingo, os donos de vans conseguem lotar os seus carros em dias que tinham tudo para se tornar um fracasso. Bom para os idosos, bom para os empresários. ■

'Uma boa isquemia'

Joãosinho Trinta

• No dia 21 de julho de 1996, tive uma isquemia. A partir daí, minha vida mudou: compreendi que, aos 62 anos, eu tinha padrões muito errados de alimentação, saúde e cuidados com o corpo. Fui obrigado a rever meus hábitos e os resultados foram magníficos: depois da isquemia, preparei o carnaval vencedor da Viradouro, encenei "O guarani" em Brasília e já fiz duas viagens à Europa.

Felizmente, até hoje não tive o problema que afeta a maioria dos idosos: a falta do que fazer. Isso colabora para ficarem tristes, porque se sentem impotentes, à margem da vida. Estou trabalhando num projeto da ONU para idosos. Em 99, a organização promoverá eventos em todo o mundo, para dar um novo enfoque ao que chamamos de terceira idade. No Rio, vamos lançar o projeto dia 27 de setembro, com uma passeata em Copacabana.

OS NOVOS VELHOS: *Queixas mais freqüentes da terceira idade são a falta de oportunidades de t*

As "certinhas" passam dos 60 com espí

Para Anilza, Maria e Irma, o segredo para a boa forma é manter-se sempre em atividade e e

Leticia Helena

• As garotas de Ipanema viraram senhoras de Copacabana. Belezucas na década de 50, as "certinhas do Lalau" Anilza Leoni, Irma Alvarez e Maria Pompeu chegaram aos 60 anos com um perfil de século XXI: trabalham, fazem exercícios para manter a forma e não ficam em casa esperando o tempo passar. Duas delas, Irma e Maria, moram em Copacabana, o bairro com maior número de moradores na faixa dos 60 — 18% de seu contingente populacional. Anilza vive na Tijuca, o sétimo colocado neste mesmo ranking, com 13 moradores nesta média de idade em cada grupo de cem.

Se o escritor Sérgio Porto estivesse vivo, provavelmente daria seu aval ao charme prafrentex das vovós que, um dia, afinal de contas, ele escalou no time das mais belas brasileiras. E elas, sessentonas assumidas, reagem com muita bossa quando o assunto é — para usar uma expressão de fim de século — azaração. Mas os brotos que não esperem muita condescendência.

— Coroa faz o maior sucesso — garante Maria.

— Levo um monte de cantadas na rua — acrescenta Irma.

— De garotões, eu estou cheia: fui casada 22 anos com um homem bem mais jovem. Se quiser, arrumo com ou sem dinheiro. Mas na minha faixa etária, aí é mais difícil. Também não me preocupo com isso — conta Anilza, que prefere, no lugar da idade cronológica, dizer que tem "o espírito jovem".

Anilza lamenta que jovens discriminem os mais velhos

Bota jovem nisso. Mal terminou a temporada de dois espetáculos, a ex-vedete já ensaia a peça "Além da vida", com a qual vai excursionar pelo Sul do país. Nas horas vagas, Anilza, uma catariense de Laguna que mora no Rio desde os 7 anos de idade, se dedica à pintura. Apesar de todas essas atividades, ela não esconde uma pontinha de decepção com a maneira como os idosos são tratados e se queixa da falta de oportunidades de trabalho para os artistas após uma certa idade.

— O que mais me entristece é ficar sem trabalho: quando estou na ativa, meu ânimo fica muito



ANILZA LEONI, Maria Pompeu e Irma Alvarez, as "certinhas do Lalau", na Praia de Copacabana: trabalho, ginástica e muita disposição para

melhor. Mas sem atividade, tudo fica mais difícil. As pessoas se esquecem que um dia também vão envelhecer e não pensam em ter mais carinho com os idosos — diz a ex-vedete, avó de uma menina de 14 anos, "muito tímida para herdar a vocação artística".

Pensando nisso, a atriz Maria Pompeu, de 60 anos, 42 de carrei-

ra artística, resolveu trabalhar num projeto teatral para a terceira idade. Mas também mantém um grupo de contadores de histórias — o Repertório — que fará três exposições na Bienal do Livro, agora em agosto no Riocentro. Além disso, o projeto rodou vários palcos no primeiro semestre e, depois da Bienal, será levado

ao Centro Cultural Gama Filho, na Piedade, e ao Teatro Gláucio Gil, em Copacabana.

— Estou sempre procurando uma coisa nova para fazer. Agora, decidi trabalhar com o pessoal da terceira idade para mostrar que essas pessoas ainda têm capacidade de fazer muita coisa boa — afirma Maria, que costuma

sair todas as n

acompanhada d
A atriz é o m
capacidade de
dos 60 anos. N
Estados Unidos
o Drama Clube,
tas profissionais
peças de atores
ganiza visitas de

da terceira idade são a falta de oportunidades de trabalho e o preconceito

Assam dos 60 com espírito de 30

a a boa forma é manter-se sempre em atividade e não perder o gosto pela vida

Ana Branco



Alvarez, as "certinhas do Lalau", na Praia de Copacabana: trabalho, ginástica e muita disposição para aproveitar a vida

ra artística, resolveu trabalhar num projeto teatral para a terceira idade. Mas também mantém um grupo de contadores de histórias — o Repertório — que fará três exibições na Bienal do Livro, agora em agosto no Riocentro. Além disso, o projeto rodou vários palcos no primeiro semestre e, depois da Bienal, será levado

ao Centro Cultural Gama Filho, na Piedade, e ao Teatro Gláucio Gil, em Copacabana.

— Estou sempre procurando uma coisa nova para fazer. Agora, decidi trabalhar com o pessoal da terceira idade para mostrar que essas pessoas ainda têm capacidade de fazer muita coisa boa — afirma Maria, que costuma

sair todas as noites, sozinha ou acompanhada de amigos.

A atriz é o melhor exemplo da capacidade de quem já passou dos 60 anos. No Instituto Brasil Estados- Unidos (IBEU), ela dirige o Drama Clube, que reúne artistas profissionais para a leitura de peças de atores americanos e organiza visitas de autores dos Es-

tados Unidos para ministrar oficinas no Rio. Maria ainda encontra tempo para uma programação social intensa.

— Vou a shows, saio para dançar, não perco uma chance de me divertir. Espero o ano 2000 com a confiança de que terei a mesma saúde e energia que tenho hoje. Meu lema de vida se resume em quatro palavras: participar, progredir, contribuir e vibrar — diz ela, entre uma caminhada no calçadão de Copacabana e uma aula de dança integração.

Atriz diz que segredo é aproveitar bem a vida

A atriz Irma Alvarez, de 63 anos, argentina de nascimento e carioca desde 1951, assina e embaixa. Ela segue uma rotina de causar inveja a qualquer adolescente: cuida da casa, caminha na praia, anda de bicicleta, faz ginástica, pinta — num estilo que define como "entre o clássico e o moderno" e que já lhe rendeu medalhas de ouro — e ainda encontrou tempo para ser voluntária num hospital.

— Depois que comecei a ser voluntária, me tornei a pessoa mais feliz do mundo. Todo mundo que tem um tempo livre deveria se dedicar a quem precisa — observa Irma.

Desse convívio com os doentes, a atriz, viúva, mãe de uma moça de 25 anos, aprendeu outra lição: é fundamental aproveitar a vida muito bem, independentemente da idade.

— Tem tanta gente da minha idade que parece tão velha. A gente sente muito preconceito, mas isso não deve impedir que aproveitemos a vida — diz ela.

E o que é aproveitar a vida do ponto de vista de alguém que viveu o glamour dos anos 50, virou a cabeça dos brasileiros com formas irrepreensíveis e fez sucesso no teatro e na televisão?

— A fórmula é simples: andar, trabalhar, fazer alguma atividade e não ficar dentro de casa pensando que velho não serve para nada — diz Irma.

— O importante é não deixar o espírito envelhecer. Se a mente ajuda, o corpo não adoee — decreta Anilza.

— A vida é muito boa e vale ser vivida em qualquer idade. O que importa é não ficar parado — arremata Maria ■



Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Universidade Aberta da Terceira Idade

Diretor da UnATI
Prof. Renato Veras

Coordenadora Técnica
Profª. Célia Pereira Caldas

Gerente de Ensino
Profª. Alzira Tereza G. Lobato Nunes

Gerente de Extensão
Sandra Rabello de Frias

Supervisora de Atividades Artísticas e
Culturais
Leila Pereira dos Santos Jordão



**DIA DA CIDADANIA DO
IDOSO NA UERJ**

PROGRAMAÇÃO

**04 de novembro de 1997
Horário: 9 às 16h**



Apoio: SR-3

DEPEXT-COINTER
Depart. Cultural (COART)
PCOH
Prefeitura
Gráfica

Agradecimento:

A toda equipe técnica da UnATI, bem como
aos professores que se empenharam na
realização do evento.

Objetivo: Propiciar à comunidade de idosos a prestação de serviços, através das unidades acadêmicas da UERJ e parcerias externas com a Defensoria Pública do Estado e Tribunal Regional Eleitoral, e a conscientização dos seus direitos na sociedade.

Público-alvo: Pessoas a partir de 50 anos.

Programação:

9:00 – Abertura solene

- Sub-Reitora de Extensão
Prof. Terezinha Nóbrega
- Diretor da UnATI
Prof. Renato Veras
- 1º Sub-Defensor
Prof. Oswaldo Deleuze Raymundo
- Defensora em exercício do Núcleo Especial de Atendimento a Pessoa Idosa
Dr.ª Andréia Gonçalves Vangilotti

9:30 – Palestra

Tema: “A Previdência Social e a Saúde do Idoso”

Palestrante: Dr. Roberto Pires – Presidente da ASAPREV e membro do Conselho Estadual do Idoso

9:50 – Apresentação do Coro da UnATI com o regente Jefferson Dias

Cronograma das atividades e serviços da cidadania:

- Defensoria Pública do Estado: Obtenção de carteira de identidade e carteira de trabalho. Orientação jurídica.
- Tribunal Regional Eleitoral: Obtenção de Título Eleitoral.
- Instituto de Nutrição: Avaliação nutricional do idoso.
- Instituto de Psicologia: Serviço de Psicologia Aplicada. Orientação psicológica ao idoso.

- HUPE: Serviço de Oftalmologia. Avaliação visual na 3ª idade.
- IEFD – Dep. Ciências da Atividade Física. Projeto de Atividades Físicas para Diabéticos (PAFD).
- Faculdade de Direito. Escritório Modelo. Orientação jurídica.
- Faculdade de Enfermagem: Orientação sobre hanseníase, acidentes domiciliares e climatério.
- Faculdade de Serviço Social: Orientação sobre os direitos sociais dos idosos (Coord. do Proj. de Extensão Atenção aos Idosos da UnATI nas Questões de Participação Social e Cidadania na 3ª Idade).
- UnATI
Equipe de Saúde: Orientação sobre promoção da saúde.
 - Saúde Natural
 - Serviço Social
 - Oficinas da UnATI
 - Dança de Salão (Mônica Rezende e Sérgio Feijó)
 - Nossas Raízes – Dança das Cirandas (Neila dos Santos)
 - Tai Chi Chu'na (Daniel Luz e Rosane Camargo)
- Serviço de Psiquiatria/HUPE
Orientação sobre Cidadania.